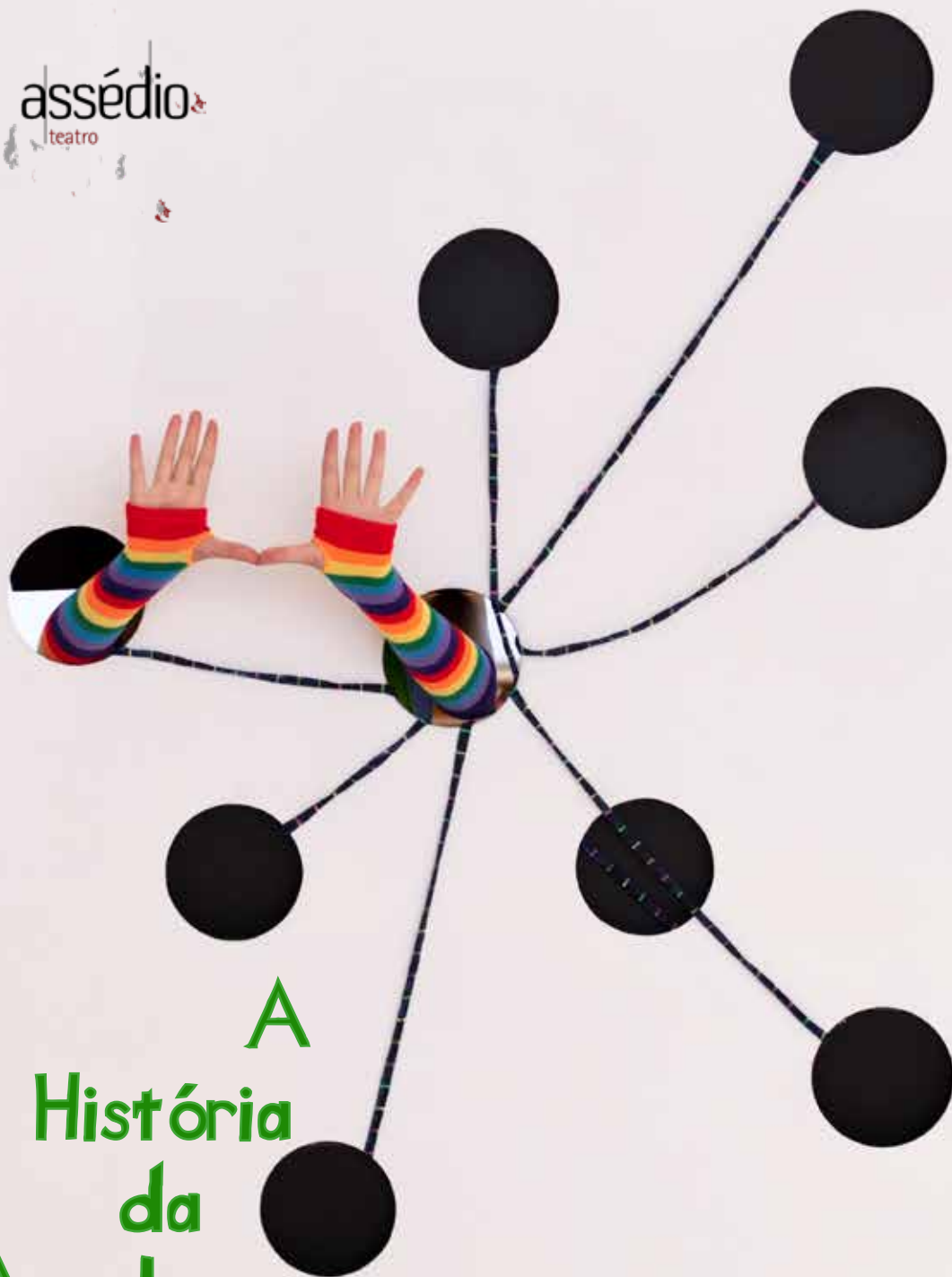


dossier

assédio
teatro



A História da Aranha Leopoldina





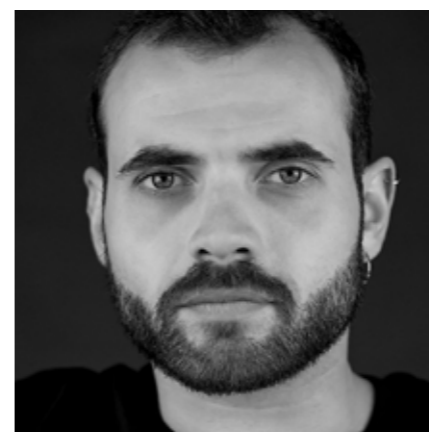
texto
ANA LUÍSA AMARAL



composição musical
CLARA GHIMEL



direção artística
JOÃO CARDOSO



DANIEL SILVA



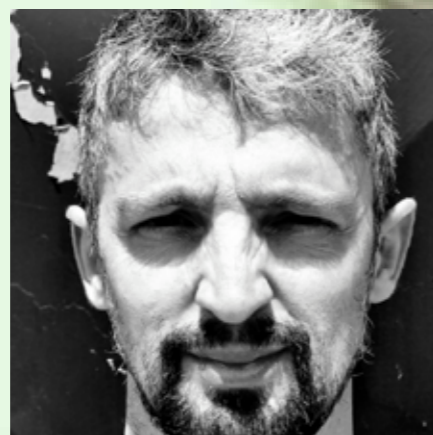
INÊS AFONSO CARDOSO



adereços e figurinos
SISSA AFONSO



desenho luz
NUNO MEIRA



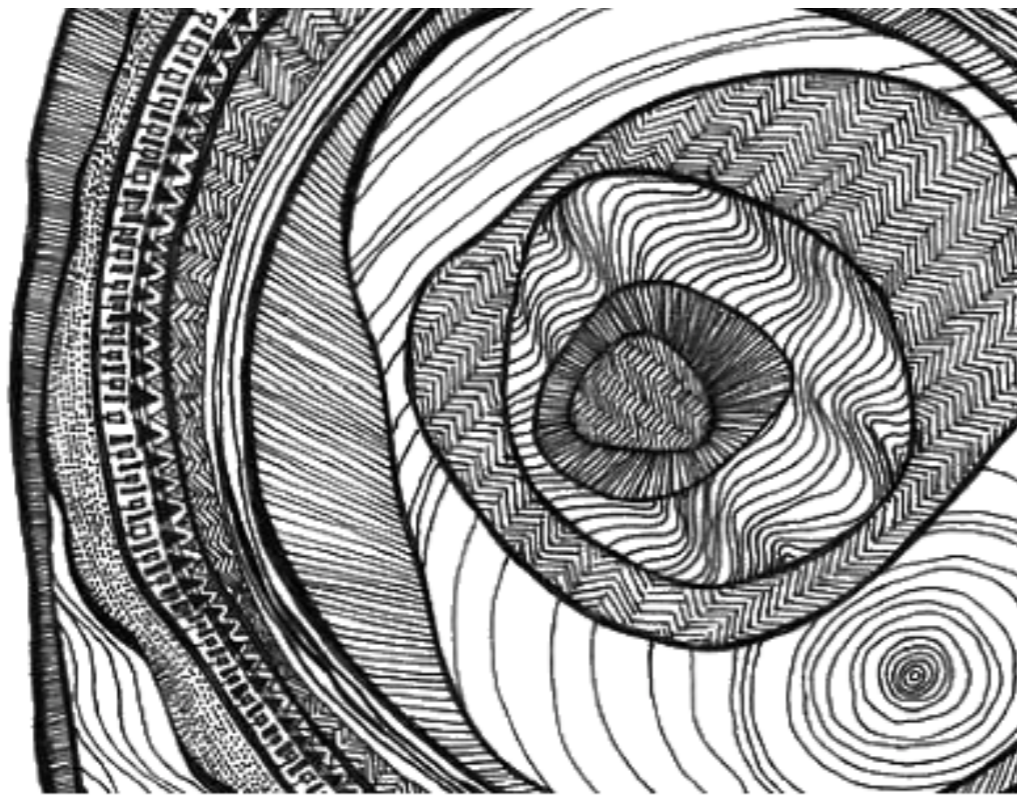
gravação e mistura
JOÃO OLIVEIRA

FICHA
ARÍSTICAA



PEDRO QUIROGA CARDOSO

criação, interpretação e arranjos musicais



SINOPSE

A fábula *A História da Aranha Leopoldina* (2000), de Ana Luísa Amaral, construída sob a forma de uma narrativa versificada, questiona os “papéis” socialmente pré-determinados e pré-estabelecidos, pondo em acção uma personagem-heroína que contraria as regras sociais e familiares e assume a sua diferença. A intriga resolve-se de forma positiva pela aceitação da diferença da protagonista, que acaba por ser valorizada e exaltada. A estranheza da heroína define a sua singularidade enquanto personagem que foge a comportamentos tipificados e próprios da sua espécie. Assim, para além da recusa em *fazer teia* e da substituição desta actividade pela de *fazer meia*, ocorre, ainda, uma alteração ao nível dos hábitos alimentares característicos das aranhas. A opção de ser vegetariana também a distingue das outras da mesma espécie, causando a incompreensão da mãe, da família e das amigas em relação ao seu comportamento. A conclusão do trabalho “escondido”, que encerra a narrativa, altera profundamente a imagem da aranha Leopoldina junto do grupo a que pertence, deixando de ser alvo de críticas e passando a receber elogios.

Este texto fala-nos de inclusão mas também de resistência. Uma metáfora que nos traz a reflexão acerca da liberdade de escolha, a capacidade de perseguirmos do respeito pela diferença, da capacidade de participarmos como indivíduos na comunidade e fazermos cada um de nós a diferença e na diferença enriquecermos o colectivo.

Na primeira encenação deste texto que a ASSÉDIO levou à cena em 2009, João Cardoso escreveu: *Parece-nos que o trabalho, a poesia e a ternura se uniram neste momento que queremos partilhar convosco.*

Continuamos a sentir o mesmo, agora com uma nova geração de criadores, a poesia e a ternura respiram nas palavras de Ana Luísa, nas melodias de Clara Guimel, no modo como estes jovens atores abraçaram o projeto.

Este espetáculo, a convite da Câmara Municipal do Porto e por pedido expresso da própria autora, foi construído para o espaço da Biblioteca Almeida Garret no Porto, no âmbito da homenagem feita a Ana Luísa Amaral, na Feira do Livro de 2022.

Co-produção ASSÉDIO TEATRO e Festival Internacional De Teatro Ibérico - FITEI (2023)

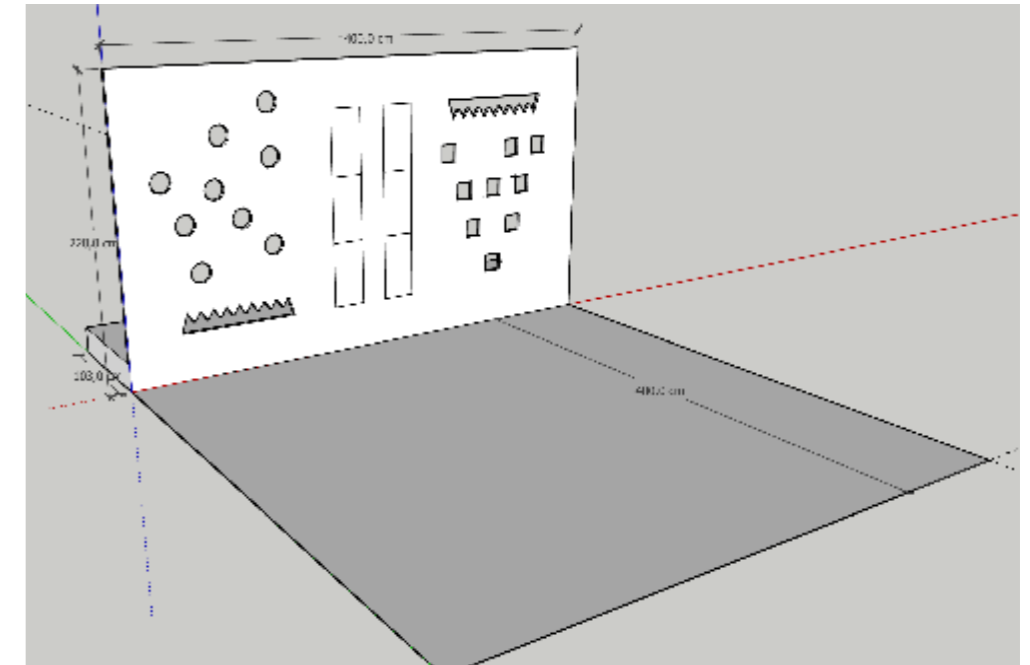
M/6 anos
duração aprox. 45'

CENÁRIO

A cenografia é composta por uma parede de madeira apoiada em estrados e não necessita de qualquer suspensão.

O espaço de cena terá de ter no mínimo, 4m de largura e 5m de profundidade.

A implantação poderá ser fornecida em formato JPEG, PDF, DWG ou SKP.



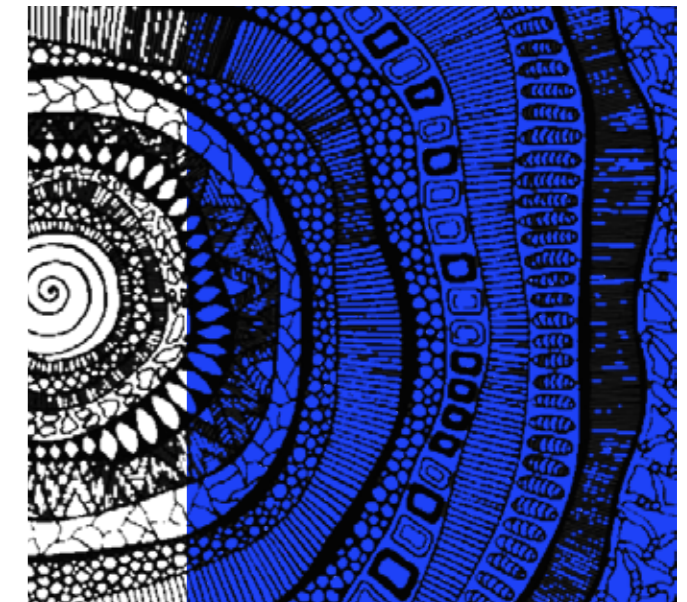
MONTAGEM

Pessoas em Digressão: 5 pessoas

Proposta de Plano de trabalho:

1 turno- montagem cenário/ luz e som

1 turno - Ensaio



SOM

Conforme anexos em PDF e JPEG.

LUZ

O desenho de luz (só será necessário caso a peça venha a ser apresentada em palco equipado) será adaptado em função da sala e do equipamento, podendo ser visualizado em JPEG, PDF ou DWG / SKP

Nestes vinte e quatro anos assegurou a revelação de diversos textos e autores, atenta ao que se escreve no espaço cultural ocidental, mas apostando também na pesquisa de mecanismos interpeladores, tanto ao nível temático como formal.

Podemos dizer que é um colectivo artístico capaz de assegurar autonomia e identidade artísticas. Esta maturidade, não só é dada pela experiência das pessoas que o compõem, como pela construção de um percurso feito de fortes cumplicidades cultivadas nas colaborações artísticas e humanas e na manutenção de diálogo sobre a prática teatral, condições essenciais para a permanente atualização das linguagens criativas de cena.

É no encontro da coerência da escolha de repertório com a renovação das linguagens cénicas, que a Assédio tem assentado a qualidade e distinção do seu trabalho. Tem sido através de um saber acumulado pela experiência e de uma inquietação alimentada pelo fazer, que este coletivo tem construído a sua identidade e a relação com o público.

JOÃO CARDOSO (encenador)

Porto, 1956. Iniciou a sua carreira no Teatro Universitário do Porto. Em 1981, integra o elenco do Teatro Experimental do Porto, onde se profissionalizou e onde regressa em 1996 como encenador. Em 1984 é fundador Os Comediantes, e participa em todos os seus espectáculos.

Trabalhou, entre outros, com os encenadores Nuno Carinhas, Ricardo Pais, Jorge Silva Melo, Laurence Boswell, Peter Field, Nuno Cardoso, Nuno M Cardoso, Rogério de Carvalho, Kuniaki Ida, Fernando Mora Ramos, Silviu Purcari, João Paulo Costa, Isabel Alves, José Caldas, Moncho Rodrigues, João Pedro Vaz, Paulo Castro, Moura Pinheiro.

No cinema trabalhou com Paulo Rocha, Fernando Lopes, Solveig Nordlund, Serge Saguenaill, entre outros

Em 1998 é fundador da ASSÉDIO TEATRO onde até hoje é director artístico, encenador e actor. Aqui encenou ou/e participou como ator em *O falção*, de Marie Lamberge de G. Rijnders, *Três num Baloço* de Luigi Lunari, *Cinza às cinzas*, de Harold Pinter, *Distante*, de Caryl Churchill, *No Campo*, de Martin Crimp, *Testemunha* de Cecília Parquet, *Contra a Parede + Menos Emergências* de Martin Crimp, *Ossário e Terminus* de Mark O'Rowe, *[Sobressaltos]* Samuel Beckett, *O Corte e Produto*, de Mark Ravenhill, *Francis Hardy*, *Curandeiro*, de Brian Friel, *Uma noite em Novembro*, de Marie Jones, *Um Número* de Caryl Churchill, *O Tio Vânia* de Anton Tchekhov, *Todos os que falam Ir e Vir*, *Um Fragmento de Monólogo*, *Baloço*, *Não Eu*, de Samuel Beckett, *O Olhar Diagonal das Coisas*, a partir da poesia de Ana Luísa Amaral, *Terminus* de Mark O'Rowe, *O Concerto de Gigli* de Tom Murphy, *Cartas Íntimas* de Brian Friel. Encenou *A História da aranha Leopoldina* de Ana Luísa Amaral, *O Feio* de Marius von Mayenburg, *Terra sem Palavras* de Dea Loher, *O dia de todos os Pescadores* de Francisco Luís Parreira, *A Morte do Dia de Hoje* de Howard Barker, *Vozes Familiares* de Harold Pinter, *Quem te porá como Fruto nas Árvores* a partir de Ruy Belo, *Com os Bolsos Cheios de Pedras*, de Marie Jones, *Lúcido* de Rafael Spregelburt, *Turandot* de Carlo Gozzi, *Lot e o Deus Dele* de Howard Barker, *Sarna* de Mark O'Rowe, *A Promessa* de Santareno, *A Morte de um Comediante* de Owen McCafferty, *Sabujo* de Francisco Luís Parreira, *Comédia de Bastidores* de Alen Ayckbourn, *Língua de Cão e Lítania* de Francisco Luís Parreira, *O pecado de João Agonia* de Santareno, *Rainha da Beleza* de Martin McDonagh, *Terno e Que Não se fale dos Velhos Tempos* de Pedro Galiza e *Quartos* de Enda Walsh.

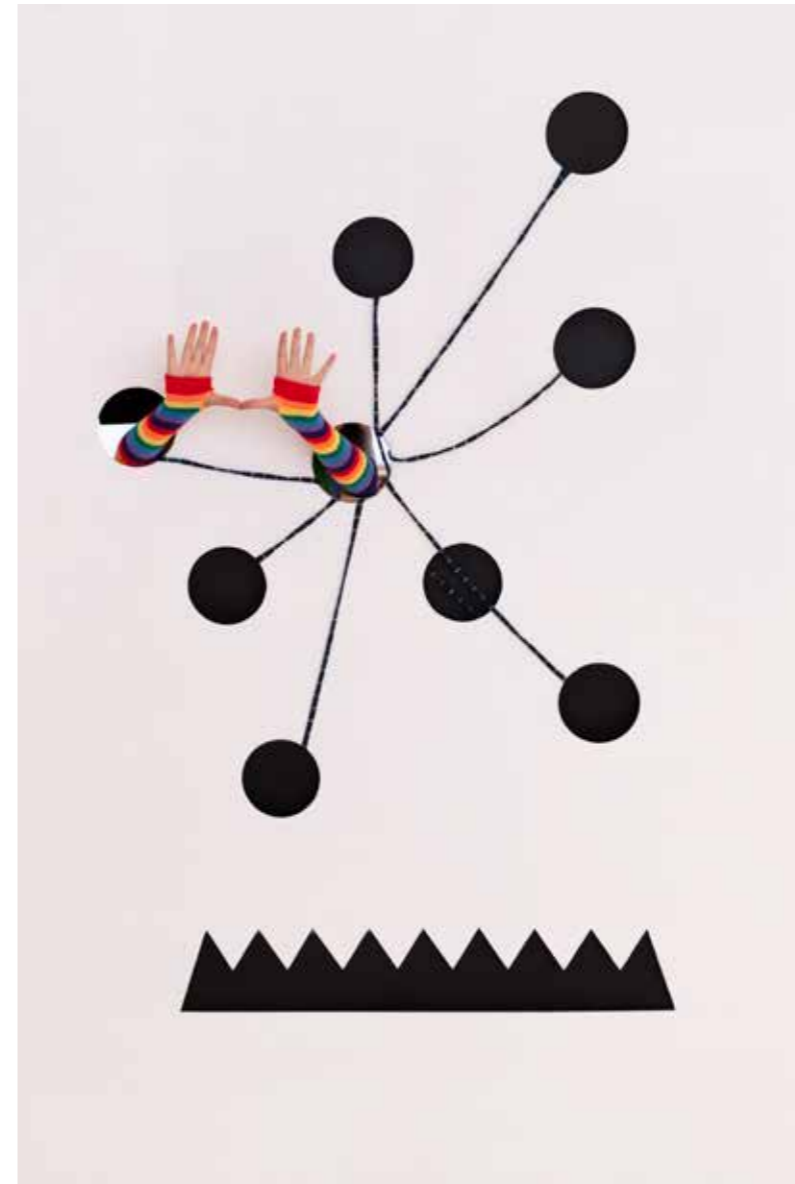


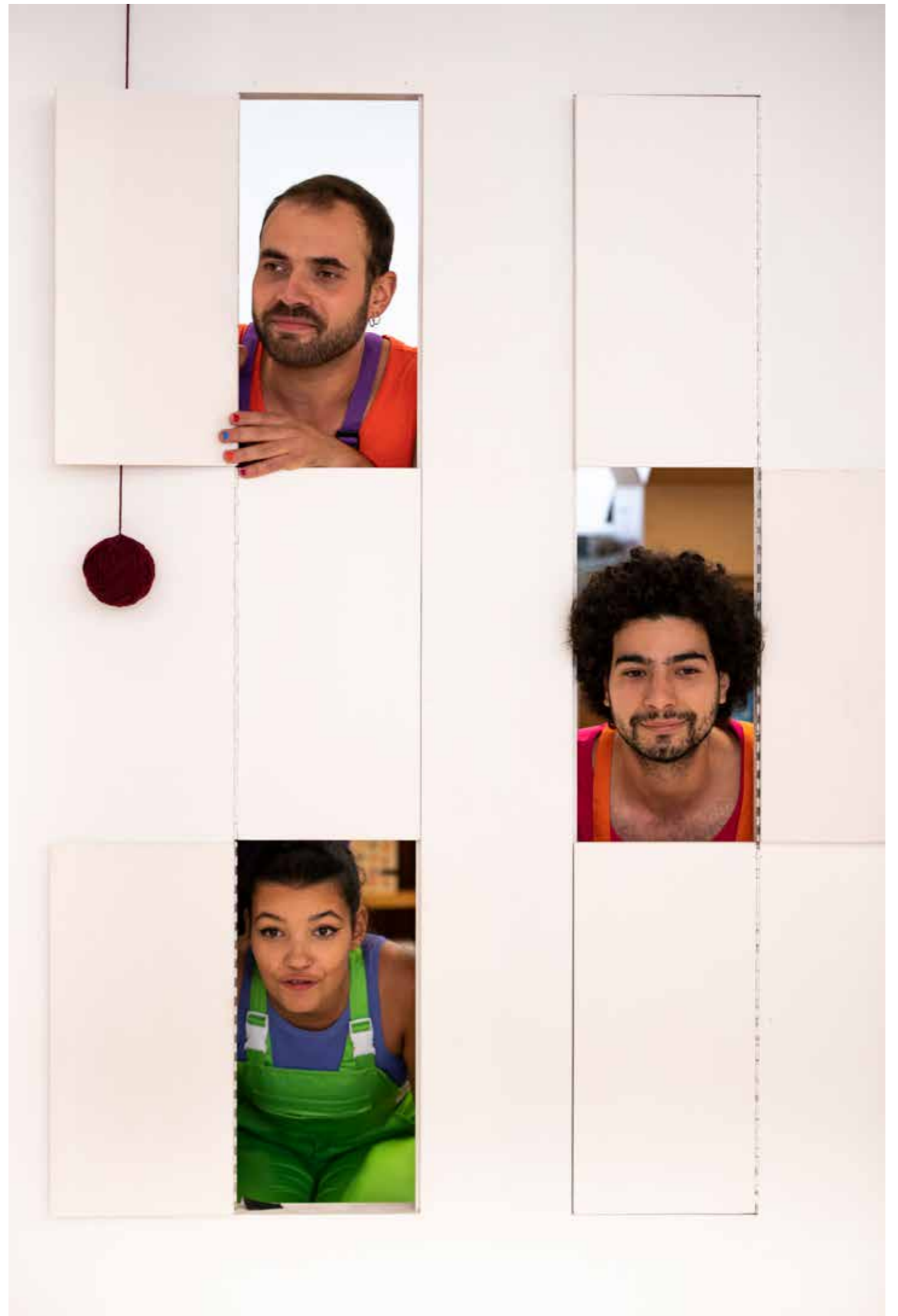
ANA LUÍSA AMARAL (autora)

Nasceu em Lisboa em 1956 e vive, desde os nove anos, em Leça da Palmeira.

É autora de mais de três dezenas de livros, entre poesia, teatro, ficção, infantis e de ensaio. A sua obra está traduzida e publicada em diversos países. Obteve várias distinções e prémios em Portugal e no estrangeiro, como a Medalha da Cidade de Paris, a Medalha de Ouro da Câmara Municipal do Porto, por serviços à Literatura, o Prémio Literário Correntes d'Escritas, o Premio de Poesia Fondazione Roma, o Grande Prémio de Poesia da APE, o Prémio PEN de Ficção, o Prémio Vergílio Ferreira, ou, recentemente, o Prémio Rainha Sofia de Poesia Iberoamericana. Traduziu diferentes poetas, como Emily Dickinson, William Shakespeare ou Louise Gluck. É professora jubilada da Faculdade de Letras do Porto e membro sénior do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, onde trabalha nas áreas de poéticas comparadas e estudos feministas.

Em torno dos seus livros de poesia e infantis foram levados à cena espectáculos de teatro e leituras encenadas, como Próspero morreu ou Amor aos Pedacos, O olhar diagonal das coisas, produzido em 2008 pela ASSÉDIO e encenado por Nuno Carinhas e a A história da Aranha Leopoldina, produção da ASSÉDIO em 2009 com encenação de João Cardoso.





CONTACTOS

Direção artística
JOÃO CARDOSO
M: 919 396 908
jmrcardo@gmail.com

Co-direção artística
PEDRO GALIZA
M: 912 747 987



direção de produção
INÊS SIMÕES PEREIRA
M: 914 780 810
assedio.prod@gmail.com

SALA de BOLSO
Rua de Miragaia, nº 61
4050-386 Porto

assedio@assedioteatro.com

www.assedioteatro.com

www.facebook.com/assedio.teatro



1998 • O FALCÃO • 1999 • LEITURAS.GARRETT • A POE-
SIA ESTÁ NA RUA • SEXTO SENTIDO • BELO? • PEÇA COM
REPETIÇÕES • 2000 • O FANTÁSTICO FRANCIS HARDY, CU-
RANDEIRO • SUPERNOVA • (A)TENTADOS • 2001 • TRÊS NUM
BALOIÇO • DORME DEVAGAR • TIA DAN E LIMÃO • DOZE
NOCTURNOS EM TEU NOME • 2002 • CINZA ÀS CINZAS • O
TRINFO DO AMOR • DISTANTE • RUM E VODCA • 2003 • AH!
RUBEN • UMA NOITE EM NOVEMBRO • NO CAMPO • (A)TEN-
TADOS • 2004 • BILLY E CHRISTINE • TESTEMUNHA • CONTRA
A PAREDE + MENOS EMERGÊNCIAS • 2005 • OTIO VÂNIA • UM
NÚMERO • OSSÁRIO • 2006 • [SOBRESSALTOS]: IMPROVISO
DE OHAIO, PASSOS, AQUELA VEZ • TODOS OS QUE FALAM:
IR E VIR, UM FRAGMENTO DE MONÓLOGO, BALOIÇO, NÃO
EU • 2007 • O CORTE • PRODUTO • MENOS EMERGÊNCIAS:
CÉU COMPLETAMENTE AZUL, CONTRA A PAREDE, CONSEL-
HOS PARA AS MULHERES DO IRAQUE, MENOS EMERGÊN-
CIAS • 2008 • O OLHAR DIAGONAL DAS COISAS • TERMINUS
• O CONCERTO DE GIGLI • 2009 • A HISTÓRIA DA ARANHA
LEOPOLDINA • CARTAS ÍNTIMAS • O FEIO • 2010 • TER-
RA SEM PALAVRAS • O DIA DE TODOS OS PESCADORES •
MORTE DO DIA DE HOJE • 2011 • VOZES FAMILIARES • PRO-
DUTO • OSSÁRIO • 2012 • QUEM TE PORÁ COM FRUTO NAS
ÁRVORES... • AGATA • 2013 • TRÊS NUM BALOIÇO • TERRA
DO DESEJO • 2014 • OS BOLSOS CHEIOS DE PEDRAS • FLY
ME TO THE MOON • O FEIO • 2015 • LÚCIDO • TURANDOT •
2016 • LOT E O DEUS DELE • SARNA • 2017 • MADE IN CHI-
NA • 2018 • IT TAKES TWO TO TANGO • 2019 • A MORTE
DE UM COMEDIANTE • APARTAMENTO • SABUJO • 2020 •
COMÉDIA DE BASTIDORES • 2021 • LÍNGUA DE CÃO E LITANIA
• DIACRÍTICO • O PECADO DE JOÃO AGONIA • 2022 • SHOT
TO NOTHING • RAÍNHA DA BELEZA • LOOPING • TERNO •
2023 • QUARTOS • QUE NÃO SE FALE DOS VELHOS TEMPOS
• SANTARENO X2 • 2024 • TERNO E CRUEL • A TRAGÉDIA DE
ARISTÍDES INHASSORO • CONVERSA PORCA • AS GRANDES
COMEMORAÇÕES QUASE OFICIAIS (...) • VEROESTE